



Medievalis

v. 14, n. 1 (2025)

O Império Romano não acabou

| 1

João Lupi¹

Resumo: O Império Romano tem sido, desde a sua criação, não só uma instituição política, mas um ideal de humanismo e de vida coletiva. Depois do final do governo romano em 476 o Império sobreviveu em diversas formas, mas sempre havia pelo menos um titular de imperador dos romanos. Júlio César, que não foi imperador de fato, sobreviveu até ao século XX nos títulos de Kaiser e de Czar. Será que ainda podemos detectar algum fantasma do Império no Ocidente? E que função ele teria? Ou devemos acreditar que o verdadeiro sucessor dos Romanos é o Império do Divino Espírito Santo?

Palavras-chave: Império. Romano. Cesar. Ideal político. Espírito Santo

Abstract: Since its foundation the Roman Empire has been a political institution as well as an ideal of humanism and of collective life. After the fall of the Roman Government in 476 the Empire survived in diverse modalities, but there was always at least someone holding the title of Emperor of the Romans. Julius Caesar was not an emperor but survived in the titles of Kaiser and Czar. So is it still possible to find some kind of ghost of the Empire in the Occident? Supposing that there is one ghost which function does it realize? Or should we believe that the most authentic successor of the Romans is the Empire of the Holy Ghost?

Keywords: Empire. Roman. Caesar. Political Ideal. Holy Ghost

¹ Professor associado, aposentado, voluntário da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Filosofia Medieval, Pensamento Oriental e Filosofia da Religião. Membro fundador do Grupo de Estudos Celtas e Germânicos Brathair, ex-presidente da Associação Brasileira de Filosofia Medieval e da Associação Brasileira de Estudos Patrísticos.

E-mail: lupi@cfh.ufsc.br





1. A questão

Já faz alguns anos que, lendo textos medievais, ou sobre eles, percebi que o povo que, no período que chamamos medieval, viveu onde hoje chamamos Europa, não se deu conta de que o Império Romano tinha acabado. Para eles, o Império estava lá, podia ser aos trancos e barrancos, falando línguas bárbaras – e latim – mas tinha sido assim durante tanto tempo que já ninguém estranhava... Além disso, havia um imperador em Constantinopla, que não ligava muito para eles, mas era o Basileu, o imperador dos romanos.

| 2

A ideia de império permaneceu viva em todo o Ocidente ao longo da Idade Média; O título de imperador foi cobiçado, mas o território do exercício do seu poder não estava claramente definido. (PARISSE 2002, 607).

No entanto, todos nós estudamos o que os historiadores definiram: que o final da Idade Antiga se deu com a queda do Império Romano do Ocidente em 476, e o Império Romano do Oriente caiu em 1453 sob as armas dos turcos.

É como se, depois disso, não tivesse havido mais romanos nem império. Romanos só os cidadãos e habitantes da cidade de Roma. Lembremos os fatos da queda do Império.

2. O desmoronar de Roma

O senado romano em 476 enviou uma carta ao Imperador Zeno (Zenão, 474-491) em Constantinopla, pedindo que ele assumisse sozinho a direção do Império, porque em Roma não havia por que manter outro imperador. Zenão hesitou, mas acabou mandando recado a seu general bárbaro, Odoacro, o huno (Odovakar, 430-493), para que ele fosse a Roma buscar as insígnias do Imperador Rômulo Augústulo (461-511?). No drama/comédia “*Rômulo, o Grande*” (1950) escrito pelo suíço Friedrich Dürrenmatt (1921-1990), o último imperador do Ocidente divertia-se a criar galinhas, e, em setembro (julho?) de 476, entregou as insígnias; não achou ruim exilar-se, como Odoacro lhe mandou, para uma casa de campo com a família, livre das tarefas do império, mas com uma boa mesada, paga por Zenão. A pedido do Senado Romano, o Imperador Zenão concedeu a Odoacro o título e categoria de Patrício, e lhe entregou o governo da Itália e do que sobrava do império ocidental; em vinte anos tinham se sucedido no trono imperial nove imperadores, eleitos e logo destituídos – ou exilados, ou assassinados (como foi Odoacro). Muitos imperadores não tinham sido italianos, portanto: que diferença fazia outro imperador, embora bárbaro, se patrício? Para o povo, para o SPQR – senatus





populusque romanus – pouco ou nada tinha mudado, já que o grande trauma cívico fora o saque de Roma por Alarico (370-410) em 410.

3. A reprodução do modelo imperial

| 3

O Império Romano de Augusto e de Constantino não morreu definitivamente com a deposição de Rômulo Augústulo em 476 (PARISSE, 2002, 607). A questão é confusa sob muitos aspectos, pois quem deu continuidade ao Império foram os bárbaros, a começar pela figura estranha de Odoacro. Os celtas fizeram a maior oposição ao avanço das legiões romanas, impedindo-as de entrar em suas terras do Norte – Irlanda e Escócia. Os germanos, além do Reno e do Danúbio, nem precisaram de fazer muito esforço para conter o Império. Celtas e germanos impuseram limites aos romanos no espaço, mas não no tempo nem na ideologia romana de “dominar para civilizar”.

Celtas e germanos deram continuidade ao Império com Carlos Magno (742-814, coroado em 800), e cujo título era “grande e pacífico imperador governante do Império Romano”, e depois com Otão, o Grande (912-973, rei em 936, e senhor do Sacro Império em 962); seu filho Oto II (955-983) casado com uma princesa bizantina, chamada Teófano, usou o título de “Augusto imperador dos romanos”. Outros reis, germânicos, ou não, se consideraram herdeiros do Império, como Afonso VII, rei de Leão e Castela, chamado de O Imperador (1105-1157); Aethelstan dos anglo-saxões (894-939), que pelas conquistas e alianças se tornou o Carlos Magno dos Ingleses; e Estêvão da Hungria (971-1038) conhecido como o Santo, que era casado com uma irmã do imperador, e organizou o seu reino também segundo o modelo de Carlos Magno. Entretanto, novas invasões tinham complicado a composição étnica e cultural do Império e seus arredores: povos não europeus, vindos do Norte, como finos, suomi, magiares, ou vindos do sul, como árabes, berberes, e mouros, e, sobretudo, o grande grupo de povos de línguas europeias, os eslavos, que, no século VII e VIII, se estabeleceram a oriente dos germanos, para serem durante três séculos evangelizados e cristianizados pelos missionários bizantinos, liderados por Cirilo e Metódio. Uma demonstração escrita e autorizada de que o Império continuava é a carta que o cruzado inglês Osborne escreveu em 1147 relatando a conquista de Lisboa aos mouros; no segundo parágrafo da carta, ele diz: “Em cerca de cento e sessenta e quatro navios reuniram-se no porto de Dartmouth homens de diversas nacionalidades, costumes e línguas. O exército formado por todos eles acha-se dividido em três partes: sob o comando do Conde Arnoldo de Aarschot (Arnoldo II de Antuérpia, 1055-1147), sobrinho do Duque Godofredo (Marquês de Antuérpia, conde de Brabante, Duque da Baixa Lotaríngia, 1060-1139), estão os homens vindos das regiões do império



romano” (etc.) – os nomes são evidentemente germânicos, o local é Sacro Império, que não é chamado de germânico, mas de romano: Sub comite Arnoldo de Aerescot nepote Godefredi ducis a romani imperii partibus secedit exercitus. O imperador era então Conrado III Hohenstaufen (1093-1152), rei dos romanos desde 1138; a pedido de Bernardo de Claraval (1090-1153) participou da segunda cruzada em 1146. Mas, por essa altura, o título de imperador era vazio de poder e pouco mais do que alegórico, e os canonistas diziam que o verdadeiro imperador era o Papa. Mas o Império não morreu: o Reich confundia-se com o Império e com o sacerdócio universal e “governar o império é um dever para os alemães” (PARISSE, 2002, 617) que se consideravam romanos.” A eleição (do imperador) era seguida com paixão e o dia da coroação era festejado por toda a parte porque marcava o retorno à ordem normal do mundo. Não há mundo sem imperador” (PARISSE, 2002, 618).

| 4

4. A Terceira Roma

O multi-étnico Império Bizantino, ou Romano do Oriente, continuava lá? Lá onde, se cada vez recuava mais e encolhia debaixo dos ataques das forças sírias e árabes, congregando muçulmanos contra cristãos? Lá, porém longe no lugar e na cultura, porque os basileus, que se consideravam vigários de Cristo na terra, não hesitavam em prender o outro vigário, o Bispo de Roma, e levá-lo a Constantinopla para julgá-lo? O Papa Martinho I (649-653), muito doente, foi sequestrado, humilhado e açoitado nas ruas de Constantinopla, e morreu exilado. E não foi o único papa a sofrer às mãos do imperador bizantino.

Porém, no Norte, outras cidades iam se fortalecendo, e seus povos resistiam às ameaças externas, liderados por Alexander Nevski (1220-1263) o Santo, Príncipe de Novgorod (1236) que se tornou Grão Príncipe da Rússia em 1252. Alexander foi o vencedor contra as invasões, a Oeste, de suecos e cavaleiros teutônicos e a Leste combateu mongóis e tátaros. O cineasta Sergei Mihailovitch Eisenstei (1898-1948) realizou em 1938 um filme sobre a vida de Alexander Nevski, com música de Sergei Prokofief, onde o herói proclama e o povo canta: *não deixaremos ninguém ocupar nem uma parte da Rússia, e quem aqui vier nós o expulsaremos.*

Quando aos árabes se juntaram aos turcos otomanos, o império foi extinto em 1453. Moscou era, então, governado pelo Grão-duque Ivan III (1440-1505) que assumira o poder em 1462; ele ampliou e unificou os territórios de Moscou, incorporou Novgorod, e se casou com Sofia Paleóloga (1455-1503) filha de Tomás Paleólogo (1409-1465), irmão de Constantino XI (1405-1453) o último imperador de Constantinopla. Logo



começou a correr a ideia de que Moscou era a sucessora de Constantinopla, e, portanto, a Terceira Roma. Sofia introduziu na corte hábitos mais civilizados, e Ivan convidou artistas e arquitetos ocidentais para modernizar sua cidade. Moscou começou a ter a aparência de uma capital imperial.

Mas a utopia da Terceira Roma tinha antecedentes. No século IX os vikings varangianos (ou varegues) subiram e desceram os rios da Rússia, desde o Báltico até ao Mar Negro, e no caminho fundaram (878) Kiev; o príncipe de Kiev, um viking chamado Vladimir (ou Volodimir em ucraniano 956-1015) depois cognominado O Grande, em 988 casou com Ana, irmã do Imperador Basílio II de Constantinopla (957-1025), e converteu-se ao cristianismo; seu descendente Vladimir II (1053-1125) era, por parte de mãe, Maria Anastácia, neto do imperador Constantino IX (1000-1055) e seus sucessores Vladimir III (1132-1171) e Vladimir IV (1187-1239) continuaram a fazer de Kiev a principal herdeira do Império Romano.

A ideologia da Terceira Roma foi construída por uma série de lendas – como o solidéu perdido pelo Papa e que foi encontrado em Moscou – e sobretudo pelas doutrinas do monge Filoteu (1465-1542) do mosteiro de Pskov. Numa carta escrita em 1510 e dirigida ao Czar Basílio III diz o monge: “*O nosso dirigente do Império Ortodoxo é na Terra o único imperador dos cristãos, o líder da Igreja Apostólica, que não está mais em Roma ou em Constantinopla, mas na abençoada cidade de Moscou. Só ela brilha no mundo inteiro mais do que o sol. Todos os impérios cristãos caíram, e em seu lugar está sozinho o império de nosso dirigente, de acordo com os livros proféticos. Duas Romas caíram, mas a terceira permanece e uma quarta não existirá!*”

A rivalidade entre Moscou, a ascendente, e Kiev, a fundadora, estava começando; mas ambas eram sucessoras de Constantinopla.

Aqui precisamos fazer uma observação: muitas vezes, apressadamente, se fala em Ocidente em contraposição à Rússia, que seria um Oriente próximo, mas distinto e mesmo oposto ao Ocidente. É certo que, ao incorporar a Sibéria, a Rússia se tornou também asiática, mas a Rússia é parte da civilização ocidental, e as lendas e fatos da Terceira Roma bem o comprovam.

5. A utopia do Quinto Império

Nem todo o mundo acreditou no monge Filoteu, e, no século XVII, em terras brasileiras surgiu o Quinto Império apregoado pelo Padre António Vieira (1608-1697): “*assim este nosso Império, porque há de suceder ao dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos se deve chamar com a mesma razão e propriedade o Quinto Império do*



Mundo” e logo acrescenta “*que será também o último*”. Este império é que vai instalar a verdadeira paz, que o Romano não conseguiu, e que só virá com o Reino de Cristo administrado pelo Rei de Portugal e pelo Papa. A utopia e o profetismo do Padre António Vieira realizaram-se, mas não do modo que ele imaginava: quando no final do século XIII, em Portugal, o rei Dom Dinis e sua mulher a Rainha Santa Isabel começaram as Festas do Divino Espírito Santo, com apoio dos frades franciscanos espirituais, criaram a figura do Imperador que reinará com o poder do Espírito Santo numa nova era de fraternidade e paz. Os portugueses do arquipélago dos Açores levaram as Festas para o Brasil e para todo o mundo para onde emigraram, e todos os anos, por altura do Pentecostes, em qualquer parte do mundo onde houver açorianos, a utopia do Império se renova – e nas Festas as insígnias do Espírito Santo são o cetro e a coroa imperiais.

| 6

Desde Rômulo até Francisco II (1768-1835), que em 1806 renunciou ao título de imperador do Sacro Império, o Império Romano passou por muitas formas e títulos, modos de coroação e amplitude de território, mas a ideia de haver um império se mantinha, e dava continuidade ao Império romano, embora as terminologias que os historiadores empregam sejam por vezes confusas e equivocadas. Porém, dois anos antes da renúncia de Francisco II, na França, Napoleão (1769-1821) se coroava imperador (1804) dos franceses, e em 1812 ainda sustentava a pretensão de ser imperador da Europa, desde a Rússia até Portugal.

De utopias e fracassos, foi a Europa procurando sua unidade, e passado o episódio e a mania de grandeza de Napoleão, o povo russo, que na literatura do século XIX é chamado “teóforo” (portador de Deus), no século XX, se tornou oficialmente ateu, mas não perdeu o impulso da grandeza e da expansão imperiais.

Foi então que outro poder veio fazer concorrência à Terceira Roma: o herdeiro dos Otões do Sacro Império e dos Kaiser (Caesar) do Império Prussiano: o Terceiro Reich. Não parece que os nazistas apreciassem essa designação, pois eles se referiam mais à mitologia nórdica do que à herança romana; mas não se pode esquecer que entre os intelectuais também o humanismo greco-romano era cultivado, e com excelência – lembre-se Werner Jaeger e Nietzsche. Mas Hitler (1889-1945), no *Mein Kampf*, não se preocupa com impérios, só com a natureza do Estado e suas funções, muito mais impositivas e cruéis do que as romanas.

Mussolini (1883-1945), na Itália, deu continuidade ao despertar da nova grandeza do povo romano, aproveitando a expansão que já tinha começado com a anexação da Líbia (1912), e dirigindo-se depois ao Corno da África – Etiópia, Eritreia e Somália, na pretensão de recriar o império. Mas na África (que expulsou os italianos) outros poderes





europeus continuaram o Império em várias modalidades e idiomas, até que em 1975 acabou o último império colonial de inspiração medieval. E assim, de um lado para o outro, o Império Romano foi continuando, sempre diferente, mas sempre herdando um legado de alguma forma fantasma.

Acabaram os impérios? Sim, mas não completamente. Basta ver o que acontece à nossa volta: de um lado os teocratas norte-americanos de forma conservadora e por vezes reacionária, consideram-se os únicos detentores do poder verdadeiro, um poder divino (?). De outro lado a Terceira Roma se tornou laica, ou mesmo, por um tempo, ateia, mas a dinastia imperial dos Vladimir continua (coincidência?): Vladimir Ilitch Uliánov, mais conhecido como Lénine (1870-1924) governou, no lugar dos czares, o maior império do mundo de mais de trinta milhões de km². E a dinastia da Terceira Roma continua com Vladimir Vladimirovitch Putin (1952).

| 7

6. Um herdeiro espiritual

Porém, a principal herança do Império Romano está aqui, entre nós, desde o Maranhão ao Rio Grande do Sul e a Santa Catarina, onde os açorianos se instalaram, há dois ou três séculos, e trouxeram com eles as Festas do Divino Espírito Santo. O principal símbolo da Festa e do Divino não é a pomba, mas o cetro e a coroa imperial, que são guardados em capelas chamadas impérios, e onde o personagem que nos cortejos e cerimônias representa o Espírito Santo não é o padre ou o bispo, mas uma criança, ou adolescente, ou, conforme o ritual, um mendigo, que é chamado de imperador e como tal tratado com todas as honras e seu império vai durar até o fim dos tempos!

O historiador romano Tito Lívio dizia que “*Roma foi fundada para a eternidade*”; e Arnold Toynbee, que cita Lívio, explica que os impérios sempre têm a pretensão de ser estados universais e eternos, mas não sabem que eles foram criados para dar lugar a outra coisa; a religião universal (TOYNBEE 1957 vol. II parte VI Universal States). Neste caso é a Nova Era do Espírito Santo, que Joaquim de Fiore (1145-1202) pregou, e que seus discípulos franciscanos levaram para Portugal onde, com o rei e a rainha, criaram as Festas do Divino.

Vejamos a questão em termos gerais, seguindo o método da comparação entre civilizações, de Arnold Toynbee. Diga-se, a propósito, que tendo Toynbee publicado o seu imenso estudo há setenta anos já “teve tempo” de ser largamente criticado, mas nem por isso suas ideias perderam capacidade criativa; não vamos, porém, utilizá-las literalmente, mas adaptando-as ao nosso contexto, muito mais modesto do que o dele.





Quando uma civilização, imperial ou não, está desmoronando, seus valores decadentes, e sua capacidade de resposta aos desafios é declinante, chegou-se a um período de perturbações e distúrbios, com reflexos por vezes aflitivos na vida pessoal dos indivíduos e das famílias. Mas o período de perturbações é como um grande parto coletivo: do seio dos longos trabalhos um novo mundo está nascendo. Toynbee analisa demoradamente o complexo percurso da vida social, espiritual e política da desintegração das civilizações (5^a parte) e sua transformação ou palingenesia (6^a e 7^a partes). A sua conclusão é que o principal herdeiro e fruto do surgimento de uma nova sociedade são as grandes religiões, ou, como ele lhes chama, as Igrejas Universais.

Mas a expressão “Igreja Universal” tem uma conotação muito institucional, lembrando algo hierarquicamente formal e dominante, e doutrinalmente dogmática, o que raras vezes acontece na evolução religiosa da humanidade. Para adaptar a terminologia de Toynbee ao nosso contexto podemos substituir esse termo por “movimento religioso organizado”, pois desse modo podemos aplicá-lo ao caso que estamos estudando, e entendê-lo melhor. Podemos assim responder à pergunta: como é que o complexo das Festas do Divino remonta aos desdobramentos e consequências do Império Romano? Que as Festas não são um episódio anual, mas um complexo cultural permanente está bem claro no fato de elas serem organizadas por irmandades estáveis e bem constituídas, de o principal dirigente, o mordomo, ter mandato por um ano, pela existência de atividades diversas ao longo do ano, pela presença dos símbolos – coroa e cetro – na capela do “império” e por todo o conjunto de canções, devoções e relações sociais constantes – aqui incluindo as negativas, como o confronto com párocos e bispos, o que salienta a autonomia das Festas como sendo “do povo”, isto é uma igreja dentro da Igreja.

Por outro lado, as Festas só podem ocorrer numa paróquia que seja proprietária dos símbolos (cada paróquia tem os seus) além da bandeira e do império. Muitos destes traços têm variantes, o que não implica que o caráter geral se altere, e deste modo a universalidade desta comunidade é peculiar, pois se estende ao mundo inteiro sem que haja um poder central: é uma organização de iguais, tipicamente anárquica – ninguém manda em ninguém, todo mundo é livre, mas dentro de parâmetros tradicionais que todos respeitam.

É um fruto do Império Romano? Se remontarmos a Dom Dinis e à Rainha Santa, e aos Franciscanos espirituais, as marcas do Império são bem evidentes, mas, ao contrário dos impérios de Carlos Magno, de Otão e de Ivan III as Festas são um império de fraternidade, de paz e amor – de uma nova era. Como diz Toynbee (1957 II, 111) “*a evocação do sentido espiritual que brota de um sentido material é o exemplo de um*





processo que chamámos de eterialização, e que reconhecemos como um sintoma de crescimento” das civilizações.

Referências bibliográficas

- BASCET, Jérôme. A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América. Trad. Marcelo Rede. São Paulo, Globo, 2006.
- BLOCH, Raymond & COUSIN, Jean. Roma e o seu destino. Trad. Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa/ Rio, Cosmos, 1964.
- DUFFY, Eamon. Saints & Sinners. A History of the Popes. Londres, The Folio Society 2009.
- ECCLESIA. Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires. Internet. Acessado em 15 de outubro de 2023.
- GIBBON, Edward. The History of the Decline and Fall of the Roman Empire. Londres, The Folio Society, 1983/1990 oito volumes.
- HITLER, Adolf. Minha Luta/ Mein Kampf. Trad. ? São Paulo, Ed. Moraes, 1983.
- HODGKIN, Thomas. The Barbarian Invasions of the Roman Empire. Londres, The Folio Society, 2000/2003 oito volumes. Vol. IV. The Imperial Restoration 535-553, 2001.
- KELLY, J. N.D. The Oxford Dictionary of Popes. Oxford U. P. 1986.
- LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do Ocidente medieval. Trad. (or.) Hilário Franco Júnior. Bauru, EDUSP/ São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002, 2 volumes.
- LOPEZ, Roberto S. O Nascimento da Europa. Trad. A. H. de Oliveira Marques. Lisboa/Rio, Cosmos, 1965.
- MURARO, Valmir Francisco. Padre Antônio Vieira. Retórica e Utopia. Florianópolis, Insular, 2003.
- OSBERNO DE BALDR. Carta de um cruzado inglês sobre a conquista de Lisboa. Trad. De José Augusto de Oliveira. Lisboa, Industriais CML, 1936.
- PARISSE, Michel. Império. Trad. Daniel Valle Ribeiro. Em LE GOFF 2002, vol. I, 607-619.
- TOYNBEE, Arnold. A Study of History. 10 volumes, Oxford 1947. Versão resumida (abridgement) por D. C. Somervell, 2 volumes, Oxford 1957.
- VIEIRA, António. História do Futuro. Intr. Texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

